O OLHAR ENUNCIATIVO DE BENVENISTE SOBRE O LÉXICO

BENVENISTE'S ENUNCIATIVE REGARD ON LEXICON

Sheila Elias de Oliveira¹

Resumo: *Este texto percorre as ideias de Benveniste sobre a formação de nomes em francês. Além de mostrar a inovação de sua abordagem e os avanços que produz na compreensão do léxico, a autora dá visibilidade à reflexão sobre a língua presente nos trabalhos de Benveniste sobre o léxico, reflexão esta fundada em sua abordagem enunciativa da língua. Ela questiona a visão de enunciação tradicionalmente atribuída ao autor, sustentando que não se trata apenas de um ato individual, mas, sobretudo de um ato social.*

Palavras-chave: formação de nomes; enunciação; indivíduo; sociedade

Abstract: *This text goes through Benveniste's ideas on the formation of names in French. In addition to showing the innovation of his approach and the advances that it produces in the understanding of the lexicon, the author gives visibility to the presence in Benveniste's works about the lexicon of his reflection upon language, a reflection which is founded on his enunciative approach of language. She questions the vision of enunciation traditionally attributed to him, maintaining that it is not just an individual act, but above all a social act.*

Keywords: name formation; enunciation; individual; society

1 Introdução

Como semanticista da enunciação, tenho me dedicado a reler, sob a ótica da História das Ideias Linguísticas, um dos autores fundamentais para este domínio semântico: o sirio-francês Emile Benveniste. Este linguista não se furtou à reflexão sobre a relação entre linguagem, sociedade e história, tema deste número de *Organon*; esta relação é, de fato, fundamental em sua obra. Um dos principais lugares de entrada na língua para o seu

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Professora MS-3 de Semântica e Pragmática no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

tratamento é o léxico; dão prova de sua importância na linguística de Benveniste os dois volumes do *Vocabulário das Instituições Indo-Europeias*, de 1969, bem como a seção “Léxico e Cultura”, que encerra os dois volumes da coletânea *Problemas de Linguística Geral* (1966/vol.1 e 1974/vol.2).

No pequeno percurso pelas ideias de Benveniste que proponho aqui, vou retornar a três de seus textos dos *Problemas de Linguística Geral II*, dedicados à formação de palavras (mais especificamente, à formação nominal). Eles não estão incluídos na seção “Léxico e Cultura”, o que ratifica o lugar de destaque do léxico na obra deste autor. São eles: “Mecanismos de transposição” (1969), da seção “Estruturas e análises”; “Fundamentos sintáticos da composição nominal” (1967) e “Formas novas da composição nominal” (1966), da seção “Funções sintáticas”. Juntos, eles nos permitirão observar o olhar enunciativo de Benveniste sobre o léxico e as línguas, olhar este que amplia a compreensão da formação de palavras enquanto processo de linguagem. O retorno a estes textos nos possibilitará discutir a relação entre língua, linguagem e sociedade na obra deste autor. Vamos, então, expor brevemente do que trata cada um desses textos, destacando alguns aspectos que nos parecem importantes para compreender os avanços de Benveniste, e destacando também os momentos em que a explicação relaciona língua, linguagem e sociedade.

2 Pensando a língua: derivação e composição nominal

2.1 Mecanismos de transposição

Este texto trata da transposição de nomes ou verbos em uma classe de derivados franceses, aqueles terminados em *-eur* que designam nomes de agentes. Benveniste quer mostrar que a sintaxe e o sentido desses derivados “são estreitamente solidários da transposição que os determina” (BENVENISTE, 1969, p.115). As análises apresentadas o levarão a constatar “a diversidade dos valores que são revelados no exame da classe dos nomes de agentes em *-eur*, habitualmente tratada como unitária” (BENVENISTE, 1969, p.128). Benveniste dá visibilidade, neste texto, à disparidade ou assimetria entre a forma e o sentido, e à particularidade de cada língua na organização dos fatos lexicais, a partir da relação entre léxico e morfossintaxe.

O autor começa distinguindo o nome de agente do adjetivo em *-eur*: os adjetivos se distinguem morfossintaticamente por poder sofrer gradação (em comparativos, por exemplo) e poder ser quantificados ou qua-

lificados por um advérbio (por exemplo, *très* (“muito”)); distinguem-se semanticamente por indicar uma inclinação moral, um traço dominante e permanente do caráter; por exemplo, *travailleur* (“trabalhador”), “afeito ao trabalho”, e *joueur* (“jogador”) “afeito ao jogo”²; distinguem-se semanticamente, ainda, por não indicar ocupação, profissão ou capacidade física, diferentemente dos nomes de agente, como *paveur* (“colocador de pisos”) ou *danseur* (“dançarino”).

Tendo distinguido nomes e adjetivos, e destacado o duplo funcionamento de algumas formas, Benveniste se dedica especificamente ao duplo *travailleur* (“trabalhador”), retomando historicamente seus movimentos morfossintáticos e semânticos. Ele nos conta que *travailleur* começa no francês arcaico como adjetivo (“que ama o trabalho”) e se mantém como tal na época clássica. É no século XIX, a partir da consciência de classes, que assume um sentido social, fundamentado na oposição *capital/travail* (“capital”/“trabalho”), da qual deriva o par *capitaliste/travailleur* (“capitalista”/“trabalhador”). A derivação se dá, portanto, a partir do nome *travail*, e não do verbo *travailler*, diferentemente do que acontece na maioria dos derivados em *-eur*. Segundo Benveniste, diferentemente dos nomes de profissão em *-eur*, é raro ocorrer na sua contemporaneidade o singular *un travailleur*, significando “um membro da classe dos trabalhadores”. O sentido de classe, por outro lado, tem grande difusão no plural (*les travailleurs de la Mer* “os trabalhadores do mar”), marcando morfologicamente o caráter coletivo do nome. *Travailleur* tem ainda o sentido de “quem trabalha”, ocorrendo no singular, mas só acompanhado de determinação: por exemplo, *travailleur de nuit* (“trabalhador noturno” [quem trabalha à noite]). Por sua vez, a construção predicativa *il est travailleur* (“ele é trabalhador”) não ocorre para o substantivo, mas somente para o adjetivo, significando, desse modo, “ele ama o trabalho”, e não “ele é membro da classe trabalhadora”. Esta análise do duplo *travailleur* dá visibilidade a mudanças na sociedade e a seus efeitos nos modos de inscrição da forma na língua.

Em seguida, Benveniste dedica-se aos nomes de agente designando profissão, e aponta neles dois modos de formação: derivados de verbos, como *tourneur* (“torneiro”) e *balayeur* (“varredor”); e derivados de nomes, como

2 *Travailleur* (“trabalhador”) e *joueur* (“jogador”) podem funcionar tanto como nomes quanto como adjetivos. Benveniste, apresentada na *XIII International Conference on the History of Language Sciences*, em Vila Real, Portugal, em 2014, na qual, inspirando-nos em Ono (2007), discutimos a visão de enunciação de Benveniste, deslocando-a do modo como tem sido compreendida tradicionalmente, a partir da análise do modo como ele toma o tempo no tratamento do léxico e das línguas. Discutimos, ainda, em Elias de Oliveira (2012), a relação entre o linguístico e o social em Benveniste a partir de sua distinção entre *significação* e *designação*.

chroniqueur (“cronista”) e *parfumeur* (“perfumista”), que indicam “quem faz...”. A partir deste último modo de formação, se produzem criações análogas não referentes a profissões e que trazem o sentido de hábito (por exemplo, *phraseur*: “frasista”, “quem faz frases”). Na transposição do verbo em substantivo, por sua vez, também ocorre o sentido de “quem faz...”, mas para atividades ocasionais e pontuais, e em geral físicas, como *baigneur* (“banhista”). Com duplo funcionamento, *danseur* (“dançarino”) pode ser nome de profissão ou indicar a pontualidade da ação (dança diante dos meus olhos); em ambos os casos, esta forma, que transpõe “il danse” (“ele dança”), só admite a construção predicativa no sentido profissional: *il est danseur* (“ele é dançarino”), e não como “ele está dançando diante de mim”.

Da dupla função do presente simples, resulta a possibilidade de um predicado ocasional, designando uma atividade de circunstância, semelhante ao segundo caso de *danseur*, embora não indique necessariamente a momentaneidade da ação; nestes casos, segundo Benveniste, é mais frequente o plural: *les conseillers ne sont pas les payeurs* (“os que aconselham não são os que pagam”); *les spectateurs ont applaudi les joueurs* (“os espectadores aplaudiram os jogadores”). Os diferentes funcionamentos do presente simples e seus diferentes sentidos para os nomes de agente são mais um indício da heterogeneidade dessa classe de nomes.

Benveniste analisa, então, os nomes em-*eur* acompanhados de adjetivo, mostrando que há diferentes interpretações sintáticas, segundo o caso: *un bon marcheur* (“um bom caminhador” [alguém que anda bem]) se distingue de *un écrivain célèbre* (“um escritor célebre”): não se trata de duas predicções como em *ele é escritor* + *ele é célebre*, já que *marcheur* não ocorre sozinho. O predicado transposto é então *bien-marcher* (“caminhar bem”), e não simplesmente *marcher* (“caminhar”). O autor faz notar, ainda, a diferença de sentido entre o sentido da forma nominal e o da forma frástica: diferentemente de *Pierre marche bien*, *Pierre est un bon marcheur* não admite emprego circunstancial, e ocorre apenas fora do quadro temporal, como capacidade constatada. Outro ponto observado é o fato de ser incomum em francês a transposição de advérbio (*bien*) em adjetivo (*bon*); o contrário seria mais comum, como em *lent* (“lento”) / *lentement* (“lentamente”), o que mais uma vez indica o lugar particular desta classe de nomes heterogênea.

A transposição de advérbio em adjetivo própria de alguns elementos desta classe leva a algumas considerações. A primeira é que um mesmo advérbio pode ser transposto em muitos adjetivos; assim, *beaucoup* (“muito”) se transpõe em *fort*, *gros*, *grand*, etc. indicando qualidade, intensida-

de, quantidade etc. A segunda é que nem sempre o nome acompanhado de adjetivo tem no oposto do adjetivo um possível: se há *grand voyageur* (“grande viajante” [viajante frequente]), não há *petit voyageur* (“pequeno viajante”), em decorrência das relações sociais, nas quais se destaca o que viaja muito, mas não o que viaja pouco. Outra consideração ainda é que o mesmo nome pode receber diferentes adjetivos, com sentidos distintos: *beau joueur* (“belo jogador”), *bon joueur* (“bom jogador”), *gros joueur* (“jogador frequente”), e que mais de um adjetivo pode ter o mesmo oposto: por exemplo, *beau joueur*/*bon joueur* se opõem a *mauvais joueur* (“mau jogador”). Essas considerações desvelam um conjunto de assimetrias: entre adjetivo e advérbio, entre as formas e seus opostos, entre formas aparentemente idênticas com funcionamento morfossintático e semântico desigual.

A assimetria entre línguas também é abordada. Benveniste discute transposições que vêm da relação com o inglês, nas quais também há, na língua-fonte, a conversão de advérbio em adjetivo: por exemplo, *haut-parleur* (loud-speaker < speaks loudly). Mas ele mostra que mesmo no transporte entre línguas, as relações não são iguais: por exemplo, o inglês teria mais nuances para expressar um hábito intenso ou frequente: *heavy*, *great*, *hearty*, com seus advérbios correspondentes, o que mostra que cada língua organiza suas formas a seu modo.

A relação entre línguas, bem como a importância da ordem de uma língua e as assimetrias entre formas, serão também abordadas, entre outros elementos, nos dois próximos textos, que tratam não da derivação, mas da composição nominal.

2.2 Fundamentos sintáticos da composição nominal

Benveniste defende, neste texto, o estatuto diferenciado da composição nominal em relação à derivação; a composição não seria uma espécie morfológica, mas sim uma organização sintática. Esta diferença permitiria explicar a função dos compostos, bem como compreender o que os torna possíveis e por que são necessários. A composição nominal é tomada como uma micro-sintaxe. “Cada tipo de composto deve ser estudado como a transformação de um tipo de enunciado sintático livre” (BENVENISTE, 1967, p.147-148).

O impulso que produz os compostos, segundo ele, “provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação”. Sua necessidade é semântica: a função do composto é “transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base”, pelo processo de me-

tamorfismo, ou “transformação de certas classes em outras” (BENVENISTE, 1967, p.163). Na transformação que resulta na composição nominal, a predicação verbal da organização sintática fica implícita; vou ilustrar aqui com exemplos meus: *couve que parece flor* → *couve-flor*; e *vinho que é tinto* → *vinho tinto*). Esta implicitação poderia ser considerada uma redução das latitudes de expressão da oração livre, alheia ao processo de fixação do composto. Mas Benveniste chama a atenção para a riqueza de expressão que o composto oferece:

(...) esse relativo empobrecimento da expressão sintática transformada em expressão nominal é compensado pela variedade das combinações que o composto oferece à língua. Ele dá o poder de manejar como adjetivos ou nomes orações inteiras e de fazê-las entrar como essas espécies novas em outras orações. Assim se constitui um vasto repertório, sempre aberto, de compostos descritivos, instrumentos da classificação e da nomenclatura, aptos a se tornarem denominações científicas ou epítetos poéticos, e que, além do enriquecimento que proporcionam, mantêm essa atividade metamórfica, talvez o trabalho mais singular da língua. (BENVENISTE, 1967, p.164).

No caminho que o leva a esta conclusão de valorização do metamorfismo entre sintaxe e léxico em suas diferentes possibilidades de expressão linguageira, Benveniste apresenta dois tipos de compostos nominais. Ele inicia pela distinção entre a composição e a *sinapsia* [*sinapsie*], formação que contém mais de dois elementos, à qual ele voltará no texto que veremos a seguir. Um composto, para ele, contém apenas dois elementos, ainda que um deles possa ser, ele mesmo, já composto, como, por exemplo, o inglês *cocktail mixer*, no qual *cocktail* é já um composto. A estrutura formal é organizada pela relação lógica entre os elementos, e é esta que permite a distinção entre as duas classes de compostos: “aqueles cuja relação se contém entre os dois termos e lhes é equidimensional, e aqueles em que a relação ultrapassa os dois termos e, englobando-os em uma nova função, modifica-se ela própria” (BENVENISTE, 1967, p.148).

Na primeira classe, encontram-se quatro sub-tipos. O primeiro é formado por dois substantivos equipotentes, como o védico *pitārāmātārā* (“pai-mãe”); neste sub-tipo, não há primazia de um termo sobre outro, e a precedência de lugar, segundo Benveniste, sendo “fixada pela tradição”, é reversível. A ordem do composto é sujeita às mudanças nas relações de poder sociedade.

O segundo sub-tipo é formado por dois substantivos designando um único objeto, e não dois objetos, como era o caso do sub-tipo anterior. O primeiro substantivo fornece a denominação e o segundo o especifica, apondo-lhe outra classe: por exemplo, o francês *papier-monnaie* (“papel-moeda”): “se esta designação dupla resulta não-contraditória, é porque a relação que ela institui não é nem lógica, nem gramatical, mas semântica”. É semântica porque “o objeto assim denominado não se vincula igualmente às duas classes. A uma ele pertence por natureza, à outra ele é atribuído de modo figurado” (BENVENISTE, 1967, p.150). Assim, *papel* em *papel-moeda* representa a natureza do objeto designado, e *moeda* um valor legal; há uma assimilação por *papel* do valor legal que lhe é atribuído socialmente.

O terceiro sub-tipo é formado por dois substantivos em relação de determinação, no qual a base é o grupo sintático livre com determinante no genitivo e determinado no nominativo, estabelecendo-se entre eles mais comumente uma relação de membro-totalidade ou de continente-conteúdo: o inglês *arrow-head* (“cabeça de lança”) é um exemplo, assim como o védico *brahma-putrá* (“filho de brama”).

O quarto sub-tipo é formado por um membro nominal determinante, seguido de um membro verbal determinado, como o inglês *shoe-maker* (“sapateiro [fazedor de sapatos]”), ou, em ordem inversa, o francês *porte-monnaie* (“porta-moedas”) que, segundo o autor, repousam sobre uma oração livre do tipo ‘ele porta moedas’, ‘ele faz sapatos’, o que leva à discussão do funcionamento em diferentes línguas da predicação sintática como conceitual ou processual, em perífrases como *ele é* ou *ele faz*.

O segundo tipo de compostos nominais é aquele em que a predicação é exercida sobre um elemento externo ao composto. O inglês *blue-eyed* (“de olhos azuis”) é um exemplo; o elemento determinado produz, na estrutura sintática, a presença de um terceiro elemento, possuidor, que torna esses compostos biplanares, já que relacionam a qualidade atribuída no interior do composto ao possuidor externo a ele. Estes compostos são analisados a partir da hierarquia da predicação: a função essiva (*ser-de*) antecede, segundo Benveniste, a atributiva (*ser-tal*).

As análises deste texto permitem concluir que:

A língua não é um repertório imóvel que cada locutor só teria que mobilizar para os fins de sua expressão própria. Ela é em si mesma o lugar de um trabalho incessante que age sobre o aparelho formal, transforma suas categorias e produz classes novas. Os compostos são uma dessas classes de transformação. Eles re-

presentam a transformação de certas orações típicas, simples ou complexas, em signos nominais.

Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores (BENVENISTE, 1967, p.163).

O trabalho da língua ou sobre a língua é, ao mesmo tempo, uma relação interna e externa; esta última não é individual (não é de cada locutor). É assim que os compostos não podem ser explicados pela junção de signos anteriores, mas têm que ser remetidos ao metamorfismo, e às formas de expressão sintática que os antecedem e que eles, produzindo diferentes efeitos, implicitam.

2.3 Formas novas da composição nominal

Neste texto, Benveniste examina os *compostos eruditos* e as *sinapsias*. Os compostos eruditos são aqueles formados por elementos greco-latinos. O autor contesta a visão tradicional que inscreve tais compostos na morfologia das línguas clássicas, tratando-os como “variedades modernas de uma classe greco-latina” (BENVENISTE, 1966, p.166), ainda que tenham sido criados na época moderna. Esta visão impede de reconhecer “a verdadeira natureza de muitos dos neologismos instaurados na nomenclatura científica de hoje e seu interesse para a descrição dos compostos franceses” (BENVENISTE, 1966, p.165-166). Ele demonstra o engano desta visão pela análise histórica de dois compostos eruditos: *otarie* (“otária”), da zoologia, e o mais conhecido *microbe* (“micróbio”). Vamos seguir aqui a reflexão sobre *microbe*, palavra de grande importância para as ciências biológicas e médicas no século XX.

Benveniste apresenta as definições de *microbe* em quatro conhecidos dicionários franceses, mostrando que todos introduzem a palavra como termo emprestado do grego, apontando inclusive a forma grega, que é inexistente, já que a palavra foi criada na França moderna. Três deles refazem a etimologia de *microbe* como ‘de vida curta’, apenas um a refazendo como ‘de vida pequena’, sentido que corresponderia de fato ao proposto pelo seu criador. Assim, nos dicionários e por meio deles, “o erro adquire propriedade por repetição” (BENVENISTE, 1966, p.166).

Microbe é inventada “após as descobertas de Pasteur que revelava a ação dos infinitamente pequenos”, que Pasteur denominava “seres microscópicos” (BENVENISTE, 1966, p.167). O cirurgião Sédillot apresenta à Acade-

mia de Ciências da França, em 1878, uma comunicação sobre as influências da descoberta de Pasteur nos processos cirúrgicos, da qual Benveniste cita trechos. Em um deles, o cirurgião explica a dificuldade terminológica – há diferentes termos sendo empregados; e faz a proposta:

“(...) A palavra *microbe*, tendo a vantagem de ser mais curta e de uma significação mais geral, e tendo-a aprovado meu ilustre amigo sr. Littré, o mais competente linguista da França, será por nós adotada, sem todavia renunciarmos aos termos em uso para a designação de variedades mais particularmente estudadas” (SÉDILLOT, 1878, apud BENVENISTE, 1966, p.168).

Benveniste mostra que Sédillot faz uma consulta pessoal a Littré, o qual abona o emprego da palavra, e que Pasteur, dois meses depois desta consulta, ainda em 1878, faz uma comunicação à Academia de Ciências empregando e consagrando o termo. *Microbe*, tal como proposto por Sédillot, designa o “organismo microscópico” descoberto por Pasteur como “pequena vida”. Benveniste explica a conduta equivocada dos lexicógrafos como um raciocínio “sobre um modelo grego”:

Semelhante composto teria sido impossível em grego, e se todos os nossos lexicógrafos se equivocaram quanto à formação de *microbe*, é porque eles raciocinavam sobre um modelo grego, quando o inventor quis fazer um composto francês, e Littré viu bem que era este o ponto. Sédillot simplesmente vestiu de grego uma denominação que ele tinha concebido em francês. Com efeito é este o estatuto deste neologismo, como o de um grande número dos neologismos que surgiram há um século ou mais: é um composto francês, com lexemas gregos. Ele corresponde a uma designação que foi primeiramente concebida em francês e transpõe para o grego sua definição, ainda que a condensando fortemente (BENVENISTE, 1966, p.170).

Note-se a força do enunciado de Benveniste: “é um composto francês, com lexemas gregos”. A conclusão sobre o termo simples *otarie* (“otária”) o ratifica: “aqui, de novo, é francês vestido de grego”. O que o leva a afirmar que alguns dos neologismos científicos de forma greco-latina criados em francês, em particular os compostos, “têm do grego ou do latim somente a forma material. São na realidade compostos construídos em francês e somente transpostos – frequentemente de uma maneira pouco rígida – em

lexemas greco-latinos”. E o leva a pleitear o seu lugar “no inventário dos procedimentos pelos quais se elabora o vocabulário científico” (BENVENISTE, 1966, p.173).

O que determina a identidade do composto não é sua aparência formal, e sim o contexto em que foi proposto, por quem, em que condições. Esta abordagem, que toma a língua na relação necessária com a enunciação, permite a Benveniste fugir de um imaginário social e científico dominante, que toma o grego e o latim como origens da língua e do conhecimento.

Por sua vez, a apresentação das *sinapsias* na segunda parte do texto serve para defender que há um novo modo de estar na língua no domínio técnico, em que o francês, e não mais o grego ou o latim, fornece as formas. A sinapsia é uma forma de composição com mais de dois membros lexicais e elementos de ligação, formando “uma designação constante e específica” (BENVENISTE, 1966, p.175). Alguns exemplos são *pomme de terre* (“batata”), ou *asile de nuit* (“abrigo noturno”) e *gardien d’asile de nuit* (“guarda de abrigo noturno”), formada a partir da precedente.

Dialogando com a análise dos compostos eruditos apresentados na primeira parte do texto, Benveniste faz observar a presença cada vez maior dos compostos sinápticos na nomenclatura técnica, em lugar dos compostos formados por elementos greco-latinos: “os termos geralmente greco-latinos de composição tradicional são substituídos por uma sequência de lexemas franceses” (BENVENISTE, 1966, p.177). E explica:

O fenômeno é este: os termos básicos com a ajuda dos quais se constitui uma nomenclatura tendem a se tornar explícitos e a constituir, por sua vez, combinações explícitas, por meio de unidades lexicais independentes, identificáveis separadamente e organizadas segundo os modelos sintáticos. É o domínio por excelência da sinapsia (BENVENISTE, 1966, p.177).

Esta explicitude une a conceituação francesa à forma da língua francesa; poderíamos dizer que, neste caso, *é français vestido de français*.

2.4 O léxico e a língua sob o olhar enunciativo de Benveniste

Poderíamos destacar, a partir dos casos franceses de formação de nomes analisados nestes três textos, as seguintes conclusões sobre a compreensão do léxico: a) uma classe aparentemente uma pela forma pode não ser uma em seu funcionamento morfossintático e semântico na língua; b)

as unidades lexicais não se formam necessariamente a partir da soma de elementos morfológicos; c) há uma relação estreita entre léxico e sintaxe que deve ser considerada na análise de um ou de outra pelos linguistas; d) uma forma linguística, ainda que pareça um decalque de uma forma estrangeira, significa na ordem da língua de que faz parte.

Basta pensarmos em algumas posições presentes na linguística contemporânea para nos darmos conta do olhar inovador de Benveniste: a) perspectivas logicistas que tratam a polissemia ao lado da vaguidade ou da ambiguidade como imperfeições das línguas (a relação unívoca entre forma e sentido é, então, o ideal) e dão à relação com a enunciação o lugar de exceção na explicação de dos fatos linguísticos; b) perspectivas composicionais (bastante presentes na lexicologia) que tratam os elementos linguísticos a partir da soma de elementos menores, e não do trabalho enunciativo sobre os elementos, que pode resultar não só em soma, mas em reduções, ou transformações diversas na relação entre forma e sentido; c) perspectivas que separam léxico e sintaxe, tomando suas ordens como independentes; d) perspectivas que tomam os elementos oriundos de outras línguas (os ditos ‘empréstimos’) como elementos intrusos, e não como elementos incorporados a partir de gestos de apropriação ativa dos falantes.

E para além deste importante deslocamento na compreensão dos fatos lexicais, o que podemos observar nesses textos de Benveniste é que o léxico não é um lugar de entrada em si mesmo; é um lugar para pensar sua especificidade na língua, em oposição à sintaxe, mas sobretudo para alargar a compreensão sobre as diferentes línguas e sobre a língua como objeto da Linguística. Metodologicamente, as descrições não são a finalidade última; não se trata de recensar o léxico, ou os fatos lexicais, trata-se de tomá-los como parte de um todo que compõe. É o interesse me compreender a língua que o leva a tomar como objeto de reflexão certos fatos que dela fazem parte. E este interesse se dá a partir de um olhar enunciativo, que traz o sentido tomado na relação com os falantes para o primeiro plano das descrições.

No trabalho de reconstrução, Benveniste erige um método próprio, que vimos mobilizado em “Formas novas da composição nominal”. Este método é apresentado em “Problemas semânticos da reconstrução”, de 1954, texto que introduz a seção “Léxico e Cultura” dos *Problemas de Linguística Geral I* (1966)¹. Para a reconstrução, ele sustenta a necessidade de se tomar sempre em conta o sentido, e postula como princípio único o de que “o “sentido” de uma forma linguística se define pela totalidade dos seus empregos, pela sua distribuição e pelo tipo de relações resultantes” (BENVENISTE, 1954, p. 320). Neste princípio, está posta a importância da instância enunciativa no olhar sobre o léxico e as línguas.

A visada enunciativa e a nova metodologia que ela suscita permitem a Benveniste, como vimos, duvidar da reconstrução feita por renomados lexicógrafos franceses, e criticar sua inscrição no imaginário social e intelectual dominante de subordinação da língua e do conhecimento modernos ocidentais às suas alegadas origens greco-latinas. É buscando os empregos da palavra que Benveniste restabelece a história de *microbe*. A visada enunciativa permite, também, que ele observe formas novas de composição – as línguas não são explicadas a partir de sua estabilidade, mas na relação entre o instável e o estável, na medida em que não pode ser pensada fora da linguagem e dos processos enunciativos.

Em “Fundamentos sintáticos da composição nominal”, vimos que a relação entre léxico e sintaxe é fundamental para compreender a composição fora da visão habitual que toma o léxico como fato morfológico, visão ainda hoje predominante nos estudos lexicológicos. A visão produtiva dos diferentes modos de significar de formas que podem ser tomadas como parafrásticas ou perifrásticas entre si são o que leva Benveniste a compreender esta relação entre léxico e sintaxe constitutiva das línguas. E a ver, de diferentes modos, tanto neste texto como em “Mecanismos de transposição”, as assimetrias entre as formas aparentemente idênticas, bem como entre a forma e o sentido, seja em uma mesma língua, seja na relação entre línguas. A esse respeito, também recorreremos aos “Problemas semânticos da reconstrução”, em que ele afirma: “a identidade da forma não necessariamente corresponde a uma relação de sentido”; afinal, as línguas estão sujeitas a coincidências formais devidas ao acaso: “para excluir um acaso, seria necessário demonstrar que a identidade formal se verifica no sentido” (BENVENISTE, 1954, p. 324).

É preciso destacar do que pudemos observar neste pequeno percurso pelas ideias de Benveniste sobre a formação de nomes em francês que a visada enunciativa dá aos fatos lexicais o caráter de processos de linguagem, e não apenas de produtos linguísticos.

3 Língua, linguagem, sociedade

Resta refletir sobre a relação entre língua e enunciação, tal como Benveniste a mobiliza nestes textos, para questionar a visão habitual acerca de sua perspectiva enunciativa, centrada na definição de enunciação do seu célebre texto: “O Aparelho formal da enunciação”: “o colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE,

1970, p. 82). O falante benvenisteano tem sido tomado como indivíduo uno, capaz de mobilizar a língua em torno do “eu” tomado como ponto de referência, a partir de um gesto mecânico de utilização. Mas, como já apontamos em outro texto acima referido, Benveniste marca a circunstancialidade do caráter individual da enunciação: ele afirma que “enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*” (BENVENISTE, 1970, p.84). A enunciação tem, então, outros aspectos além do individual, ao qual se restringe este texto, cujo objeto é “definir a enunciação no quadro formal de sua realização” (BENVENISTE, 1970, p.83).

Como vimos nas análises de fatos lexicais aqui apresentadas, os contextos de emprego das formas consideradas são tomados como sociais. A própria criação de *microbe*, a partir de Sédillot inspirado em Pasteur, que poderia ser tomada apenas como individual, é situada em um modo de nomeação da língua da ciência pelo qual se recorre aos elementos greco-latinos. Em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da Linguística”, Benveniste afirma: “a partir da função linguística, e em virtude da polaridade *eu: tu*, indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares”. E prossegue: “de fato é dentro da, e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente” (BENVENISTE, 1963, p. 27). É esta relação contraditória entre *eu* e *tu*, tomada como um índice da relação entre indivíduo e sociedade, que vemos operar nas análises lexicais de Benveniste.

BIBLIOGRAFIA

- BENVENISTE, Emile. (1954) Problemas semânticos da reconstrução. In: *Problemas de linguística geral I* (1966). Campinas: Pontes/ Editora da Unicamp, 1995, p. 319-339.
- BENVENISTE, Emile. (1963) Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da Linguística. *Problemas de linguística geral I* (1966). Campinas: Pontes/ Editora da Unicamp, 1995, 19-33.
- BENVENISTE, Emile. (1965) A linguagem e a experiência humana. In: *Problemas de linguística geral II* (1966). Campinas: Pontes, 1989, 68-80.
- BENVENISTE, Emile. (1966) Formas novas da composição nominal. In: *Problemas de linguística geral II* (1966). Campinas: Pontes, 1989, p.165-180.
- BENVENISTE, Emile. (1967) Fundamentos sintáticos da composição nominal. In: *Problemas de linguística geral II* (1966). Campinas: Pontes, 1989, p.147-164.

- BENVENISTE, Emile. (1969) Mecanismos de transposição. In: *Problemas de linguística geral II* (1966). Campinas: Pontes, 1989, p.115-128.
- BENVENISTE, Emile. (1969a) *Vocabulário das instituições indo-europeias: economia, parentesco, sociedade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- BENVENISTE, Emile. (1969b) *Vocabulário das instituições indo-europeias: poder, direito, religião*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- BENVENISTE, Emile. (1970) O aparelho formal da enunciação. *Problemas de linguística geral II* (1974). Campinas: Pontes, 1989, p. 81-90.
- ELIAS DE OLIVEIRA, Sheila. O próprio da língua no estudo do vocabulário em Benveniste. In: ZATTAR, Neuza e DI RENZO, Ana Maria (orgs.) *Estudos da linguagem: língua, sujeito e história*. Campinas: Pontes, 2013, p. 49-56.
- ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Emile Benveniste*. Limoges : Lambert-Lucas/Limoges, 2007.

Recebido em: 02/07/2015. Aceito em: 10/08/2015.